

a livraria dos finais felizes

jenny colgan

Tradução de Sónia Maia

*Leiamos e dancemos;
estes dois divertimentos
nunca farão mal ao mundo.*
Voltaire

MENSAGEM AOS LEITORES

Este livro não tem qualquer dedicatória porque todo ele é dedicado a si: o leitor. A todos os leitores.

Porque este livro é acerca da leitura e de livros, e de como estas coisas podem mudar a nossa vida, sempre para melhor, diria eu. É também sobre a sensação de nos mudarmos e começarmos de novo (algo que fiz muitas vezes na vida), e o efeito que o lugar onde escolhemos viver tem na forma como nos sentimos; e sobre se apaixonarmo-nos na vida real pode ser como apaixonarmo-nos numa história; e também fala muito de queijo, porque eu acabei de me mudar para um lugar onde se faz muito queijo e não consigo parar de o comer. E sobre um cão chamado *Salsa*.

Mas também fala muito de livros, porque Nina Redmond, a heroína, tem o sonho de abrir uma livraria.

Por isso, aqui estão algumas dicas úteis acerca de onde ler, porque quero que se sinta o mais confortável possível. Se me tiver escapado um sítio óbvio, ou se fizer algo completamente diferente, por favor diga-me qualquer coisa no Facebook ou em @jennycolgan no Twitter, porque eu tenho a convicção antiquada de que ler é um prazer que deve ser sempre cuidadosamente protegido, e espero, sinceramente, que goste tanto de ler este livro como eu gostei de o escrever, seja onde for que o faça.

No banho

O meu momento de descontração no banho é às 21.45 h, o que dá com o meu marido em louco, porque tem de ajustar o termóstato se a água não estiver à temperatura certa (ligeiramente mais fria do que a superfície do Sol), e de a manter constantemente ao mesmo nível. É um verdadeiro luxo. Eu não gosto de óleos de banho. São horríveis, não são? Agarram-se a tudo. Mas estou a divagar. Livros no banho. O ideal são livros de capa mole, obviamente, e o pior que pode acontecer é termos de os secar no radiador (todos os *Harry Potters* em segunda mão dos meus filhos estão completamente enrugados), mas eu leio muito no meu *e-reader* e vou contar-lhe um segredo: viro as páginas com o nariz. Mesmo quem não foi abençoado com um magnífico nariz escocês/italiano, ao estilo de Peter Capaldi como eu, com alguma prática não tardará a descobrir que é perfeitamente possível manter uma das mãos dentro de água e virar as páginas ao mesmo tempo. Se alguém em sua casa tiver o hábito de irromper pela casa de banho adentro, não se esqueça de trancar a porta, porque a minha experiência diz-me que as pessoas tendem a achar essa visão levemente hilariante.

Em alternativa, a minha amiga Sez usa as duas mãos, mas embrulha o seu *e-reader* num saco de plástico. Uma opção sensata.

Na cama

O único problema de ler na cama é a sua brevidade: passadas duas ou três páginas, apagamos totalmente. Se tiver sido um dia particularmente longo, podemos passar pelas brasas a intervalos antes de adormecermos realmente e, quando voltamos ao livro na noite seguinte, perguntamo-nos se havia mesmo no livro um unicórnio cor-de-rosa a correr por uma sala de exames enquanto o perseguíamos de pijama. E teremos de admitir que não. Não havia nada disso no livro. Estávamos a cair de sono e, por isso, teremos de voltar algumas páginas atrás. No entanto, tive o cuidado de dar nomes muito diferentes a todos os personagens. Não há nada pior do que ler à noite um livro onde entrem uma Cathy e uma Katie, e não quero tornar a vida de ninguém mais dura do que já é.

Numa espreguiçadeira

Em princípio, estar de férias, numa espreguiçadeira, será das condições ideais para ler e, de facto, ao longo da vida, tenho medido o meu bronzeador

de acordo com o interesse dos livros que estava a ler na altura. Porém, há o problema de como segurar o livro. Se estivermos com ele nas mãos, ficamos com os braços cansados e uma grande marca branca em forma de livro (o que acredito que, nalguns círculos, seja muito bem-visto). Se lermos de frente para o Sol, franzimos os olhos de uma forma muito pouco atraente. Sentados de pernas cruzadas, com o livro na toalha, não é a pose que mais nos favorece (pelo menos a mim; tenho alguma flacidez). Se nos deitarmos de barriga para baixo, suamos para cima dele e o plástico da espreguiçadeira magoa-nos. O melhor, se conseguirmos encontrá-la, é uma daquelas fantásticas espreguiçadeiras à antiga, com os protetores de pano que se podem pôr na cabeça. Sim, ficamos com um aspeto totalmente ridículo. Mas estamos a ler confortavelmente, quando mais ninguém está, por isso saímos sempre a ganhar.

A andar pela rua

Dantes, era aceitável andar pela rua com um livro em frente do nariz. As pessoas sorriam com indulgência e afastavam-se do nosso caminho, porque sabiam como era a necessidade desesperada de ler alguma coisa (um dia vi uma rapariga no metro de Londres deslocar o pulso ao tentar mudar de linha na Bank e acabar *A Suitable Boy*¹ ao mesmo tempo).

Contudo, hoje em dia toda a gente tem o seu estúpido *smartphone* sempre à frente, para o caso de alguém gostar da fotografia de um cão no Facebook e de perderem isso por dois segundos e, portanto, o simples ato de andar pela rua tornou-se uma gincana ainda mais complicada, mesmo sem se estar a ler um livro de capa mole. Tenha cuidado.

Grupo de leitura

Se estiver a ler este livro para um grupo de leitura, posso apenas pedir desculpa e presumir que são 2.15 h da manhã, na noite antes do encontro. Para mim, há qualquer coisa em sermos obrigados a ler um livro que nos faz sentir ainda na escola, e a verdade é que, se quiséssemos fazer trabalhos de casa, iríamos tirar aquele curso à noite que estamos sempre a prometer-nos fazer quando tivermos tempo. Na maior parte das vezes, se temos de ler à pressa é para o caso de alguém nos perguntar: «Bem, o que achaste daquele final?», e de termos de acenar com a cabeça, desejando ardentemente que não fosse um final-surpresa em que tudo tivesse sido invertido (digo-lhe que

¹Em Portugal, *Um Bom Partido*, de Vikram Seth, Editorial Presença, 2002. (*N. de T.*)

isto já me aconteceu). Assim, deixe-me tranquilizá-lo: este livro não tem um final inesperado. Mas, também, eu diria o mesmo se o tivesse, não é verdade?

Numa rede

Um dia, quando eu era jovem, tive um namorado amoroso que me comprou uma rede e me pregou no meu minúsculo e altamente perigoso terraço do prédio, onde passei muitas horas felizes a balançar-me e a ler, comendo *Quavers* e pensando no meu querido e belo namorado.

Depois, casei com ele e tivemos muitos filhos e um cão, e mudámo-nos para um lugar onde está sempre a chover, e julgo que a rede está na arrecadação. Isto, meus amigos, é, aparentemente, aquilo a que se costuma chamar viver «felizes para sempre».

Tempo roubado para ler

Ah, os melhores momentos. Muitas vezes chego dez minutos mais cedo para ir buscar os miúdos à natação, ou roubo um quarto de hora depois de ter feito as compras no supermercado, sento-me no carro e tiro algum tempo ao mundo para mim e para o meu livro. Nós merecemo-lo, e sabe tão bem!

A caminho do trabalho

Ler a caminho do trabalho é ótimo, se lhe apanharmos o jeito. Como o trajeto para o trabalho é tão rígido — basta ver os olhares vítreos das pessoas que desempenham essa dança infinitamente complicada e bela pelas estações todos os dias —, o nosso cérebro obedece instantaneamente à ordem de nos alhearmos de tudo isso durante o tempo exato. Guarde o telemóvel; toda essa verborreia barulhenta pode esperar até que chegue ao trabalho. Esta é a sua recompensa por ter de fazer essa deslocação.

Em viagem

Viajar não é o mesmo que fazer o trajeto para o trabalho. Como calculará, sou totalmente contra o *wi-fi* ter chegado aos carros e aos aviões, embora, claro, esse seja já um dado adquirido. Mesmo assim, reserve um lugar à janela para poder enroscar-se; ponha os auscultadores, escolha uma música suave no rádio do avião e mergulhe na leitura durante várias horas. Exceto naquela

parte em que a tripulação está a distribuir bebidas pelo corredor e pensa que se vão esquecer de si, fica nervoso e não consegue concentrar-se. Nesse momento, largue o livro e folheie uma revista, fingindo estar muito descontraído e nada preocupado em saber se vai ser servido ou não. Também já tentei comer, beber, ouvir música e ler, tudo ao mesmo tempo, num lugar de classe económica. Não o faça, a menos que tenha muito dinheiro disponível e à mão para pagar a conta da lavandaria de outra pessoa.

Os comboios foram feitos para ler. Acho um bom par de auscultadores menos complicado do que estar sentada numa carruagem silenciosa tendo de policiar os idiotas ruidosos. Não digo que eles devessem ser presos. Mas também não digo que não devessem.

Em frente da lareira

Se não tiver uma lareira, uma vela serve. A única coisa que realmente desejo quando a noite se aproxima é uma grande lareira acolhedora e um bom livro — quanto maior, melhor. Adoro um romance muito, muito longo, uma grande chávena de chá, ou um copo de vinho, dependendo da proximidade do fim de semana (ou da medida em que me apetece estender a definição do que é o fim de semana), e um pouco de paz e sossego. Um cão também ajuda. Os cães são inacreditavelmente bons a mostrar-nos que não temos de verificar o telemóvel a cada dois segundos para termos uma vida feliz.

No hospital

Tenho passado muito tempo em hospitais, por uma razão ou por outra — trabalhei num, tive vários filhos noutra e esses filhos passaram, subsequentemente, bastante tempo a cair de árvores e a partir membros, etc., etc.

O tempo nos hospitais não passa como fora deles. Para já, é muito mais lento. Não para à noite. E há sempre aquela leve sensação de fascínio com tudo o que lá se passa, pois todos os dramas por que a maioria de nós virá a passar — fim e princípio da vida, felicidade e o luto mais profundo — estão a acontecer à nossa volta, em todos os pisos de um edifício estéril e sobreaquecido, terror, dor e alegria em cada passada profissional que ressoa no linóleo bem polido.

Acho difícil ler no hospital; é como estar num grande barco que atravessa águas agitadas, enquanto lá fora há pessoas em terra, a andar por ali e

a seguir as suas vidas normais, abstraídas das águas revoltas que estão a ser navegadas tão perto delas.

Na minha opinião, a poesia adequa-se bem aos hospitais. Textos curtos, dos quais possamos levantar os olhos sem nos sentirmos tão frágeis e desligados; pois todos nós estamos ali, ou já estivemos, ou vamos estar.

É também um lugar bastante amigável, onde nos podemos sentar e ler em voz baixa para alguém.

É por isto que não vejo qualquer escândalo moral no facto, de que as pessoas tanto se queixam, de as cafetarias dos hospitais venderem bolos e gelados. Os hospitais deviam ter sempre bolos. No mínimo dos mínimos.

À sombra de uma árvore, num jardim soalheiro

Mas claro que sim. Com sorvetes, por favor, e não gelados sólidos.

Diversos

Algumas das realizações de que mais me orgulho são ter descoberto como ler enquanto amamentação (use uma almofada *DEBAIXO* da cabeça do bebé); enquanto seco o cabelo (tenho péssimo cabelo); enquanto lavo os dentes (tenho bons dentes, provavelmente porque os escovo durante muito mais tempo do que é habitual); enquanto espero que os semáforos passem de vermelho a verde; fechada na casa de banho, num casamento extremamente aborrecido (que não foi o meu); enquanto os miúdos brincam em insufláveis (uma vez, li um romance inteiro numa tarde chuvosa, enquanto os meus filhos se divertiam numa piscina de bolas; acho que foi uma tarde ótima para todos); enquanto arranjo os pés (nunca arranjo as mãos, porque não posso ler ao mesmo tempo); enquanto espero numa fila; num descapotável (difícil); na igreja (um pecado, pelo qual fui devidamente punida); em viagens de negócios em que tive de comer sozinha em restaurantes (nunca se está sozinho com um livro); e, onde tudo isto começou, durante cerca de um milhão de horas sentada no lado direito do banco traseiro do velho *Saab 99* verde do meu pai, com o peso da cabeça encaracolada do meu irmão mais novo, que dormia profundamente, no meu colo e a companhia de um gelado de paizinho. Por isso, diga-me onde lê. Porque cada dia com um livro é um pouco melhor do que um dia sem ele, e só lhe desejo dias felicíssimos.

E, agora, venha conhecer a Nina...

Jenny xxx

CAPÍTULO 1

O problema das coisas boas que acontecem é que, muitas vezes, se desfazem de coisas horríveis. Seria maravilhoso que, quando estamos a passar por uma dificuldade, alguém pudesse dar-nos uma palmadinha no ombro e dizer «Não te preocupes, vale mesmo a pena. Agora parece tudo terrível, mas prometo-te que, no fim, tudo correrá bem», e nós pudéssemos responder «Obrigada, Fada Madrinha». Também poderíamos perguntar «Também vou perder aqueles três quilos?» e poderiam responder-nos «Mas é claro, minha filha!»

Isto seria útil, mas não é assim que as coisas se passam, e é por isso que, por vezes, insistimos demasiado tempo em coisas que não nos fazem felizes, ou desistimos depressa demais de coisas que ainda poderiam resultar, e costuma ser difícil distinguir uma circunstância da outra.

Viver com os olhos postos no futuro pode ser muito irritante. Pelo menos era o que Nina pensava.



Nina Redmond, de 29 anos, estava a controlar-se para não chorar em público. Quem alguma vez tentou dar um bom ralhete a si mesmo sabe que o resultado não é grande coisa. Ela estava no trabalho, por amor de Deus. Não se deve chorar no trabalho.

Perguntou-se se mais alguém o teria alguma vez feito. Depois, perguntou-se se seria possível que todos o fizessem, até a Cathy Neeson, com o seu cabelo espesso e demasiado louro, a boca fina e as suas folhas de cálculo, que, naquele momento, estava parada a um canto, observando a sala de braços cruzados e com uma expressão sinistra, depois de ter feito à pequena equipa de que Nina fazia parte um discurso cheio de jargão acerca dos cortes que estavam a ser feitos em todo o lado, afirmando que Birmingham não podia dar-se ao luxo de manter todas as suas bibliotecas, e que tinham de se habituar à austeridade.

Nina calculou que, provavelmente, não. Há pessoas que não têm em si uma única lágrima.

(O que Nina não sabia era que Cathy Neeson chorava no caminho para o trabalho, no caminho de regresso a casa — na maior parte dos dias, depois das 20 horas —, sempre que despedia alguém, sempre que lhe era pedido que cortasse mais uns pontos percentuais de um orçamento já esquelético, sempre que lhe ordenavam que produzisse mais papelada de qualidade e relevante e sempre que o seu chefe lhe despejava um monte de trabalho administrativo em cima às 16 horas de uma sexta-feira, ao sair para umas férias de esqui, o que fazia muitas vezes.

Acabou por largar tudo aquilo e ir trabalhar na loja de lembranças do Serviço de Património Nacional por um quinto do salário que tinha antes, metade das horas e nenhuma lágrima. Mas esta história não é acerca de Cathy Neeson.)

Era que, pensou Nina, tentando engolir o nó que tinha na garganta... era que eles eram uma biblioteca tão *pequena*.

Tinha histórias para crianças às terças e quintas de manhã. Fechava mais cedo nas quartas à tarde. Era um edifício degradado e antiquado, com chão de linóleo já gasto. Às vezes um pouco bafiento, era verdade. Os grandes radiadores que pingavam levavam uma parte da manhã a arrancar, e depois ficavam instantaneamente quentes demais, no meio de um ligeiro cheiro a bolor, especialmente vindo do velho Charlie Evans, que ia lá para se manter quente e ler o *Morning Star* de uma ponta à outra, muito devagar. Perguntou-se para onde iriam agora os Charlie Evanses do mundo.

Cathy Neeson explicara-lhes que iam aglutinar os serviços de biblioteca no centro da cidade, onde se tornariam um «núcleo», com uma «zona de experiências multimédia», uma cafetaria e uma «experiência intersensorial», fosse lá isso o que fosse, embora a cidade ficasse, pelo menos, a duas viagens de autocarro dali, o que a tornava inacessível para a maioria da clientela idosa ou em cadeiras de rodas.

Aquelas encantadoras instalações desgastadas, com tetos inclinados, iam ser vendidas para se transformarem em apartamentos para executivos, que ficariam muito além do alcance do salário de uma bibliotecária.

E Nina Redmond, de 29 anos, viciada em livros, com o seu longo cabelo acobreado e emaranhado, a pele pálida pontuada por sardas aqui e ali e uma timidez que a fazia corar — ou lhe dava vontade de desatar a chorar — nos momentos mais inoportunos, ia, segundo suspeitava, ser atirada aos ventos frios de um mundo a cujo mercado estavam a chegar muitos bibliotecários desempregados ao mesmo tempo.

— Por isso — concluíra Cathy Neeson —, podem começar já a embalar os «livros».

Disse «livros» como se fosse uma palavra que lhe parecesse de mau gosto, na sua nova e reluzente visão dos Serviços Mediatech. Todos aqueles livros oleosos e sem jeito nenhum.



Nina arrastou-se para a sala das traseiras com o coração pesado e uma ligeira vermelhidão em volta dos olhos. Felizmente, toda a gente estava mais ou menos com o mesmo aspeto. A velha Rita O’Leary, que, provavelmente, deveria ter-se reformado há cerca de uma década, mas que era tão simpática para os clientes que toda a gente fechava os olhos ao facto de ela já não conseguir ver os números no Sistema Decimal de Dewey e arquivar os livros mais ou menos aleatoriamente, tinha-se desfeito em lágrimas, e Nina conseguira esconder a sua própria tristeza enquanto a confortava.

— Sabem quem mais fez isto? — silvou o seu colega Griffin através da barba esparsa, quando ela ia a passar. Enquanto falava, Griffin atirava um olhar cauteloso a Cathy Neeson, que ainda estava na área principal. — Os nazis. Empacotaram todos os livros e atiraram-nos para a fogueira.

— Ninguém está a atirá-los para a fogueira! — disse Nina. — Não são nazis a sério.

— Isso é o que toda a gente pensa. Depois, quando menos se espera, aparecem nazis.



Com uma velocidade de cortar a respiração, houvera uma espécie de venda em que a maioria dos clientes passara a pente fino as suas obras preferidas de

sempre na caixa dos livros descontinuados em promoção, deixando para trás o *stock* mais recente e apelativo.

Agora, enquanto os dias passavam, esperava-se que empacotassem o resto dos livros para serem enviados para a biblioteca central, mas a expressão habitualmente carrancuda de Griffin estava ainda mais sombria do que era costume. Ele tinha uma barba comprida e desagradavelmente áspera, e uma atitude de desdém para com as pessoas que não liam os livros de que ele gostava. Como os únicos livros de que gostava eram histórias já esgotadas dos anos 50, acerca de jovens frustrados que bebiam demais em Fitzrovia, isso deixava-lhe bastante tempo para aperfeiçoar a sua atitude. Ainda estava a falar de pessoas que queimavam livros.

— Não vão ser queimados! Vão para o edifício grande, na cidade.

Nina não conseguia obrigar-se sequer a pronunciar a palavra Mediatech. Griffin fungou.

— Já viste os projetos? Café, computadores, DVD, plantas, escritórios da administração e pessoas a fazer análises de custo/benefício e a assediá-los os desempregados... desculpa, a fazer «*workshops* de *mindfulness*». Não há espaço para um livro em lado nenhum — apontou para as dúzias de caixas. — Isto vai ser argamassa. Vão usá-los para fazer estradas.

— Não vão nada!

— Vão, sim! É isso que fazem com os livros mortos, não sabias? Transformam-nos em material para fazer estradas. Assim, os belos e grandes carros poderão circular por cima de séculos de pensamentos, ideias e sabedoria, imprimindo metaforicamente o amor pela aprendizagem no pó com os seus estúpidos pneus enormes e reclamando contra os idiotas do *Top Gear* que estão a destruir o mundo.

— Hoje não estás com a melhor das disposições, pois não, Griffin?

— Vocês os dois podem apressar mais aquela zona? — perguntou Cathy Neeson, entrando de rompante, com um aspeto nervoso. Só tinham orçamento para os camiões de recolha durante uma tarde; se não conseguissem carregar tudo a tempo, ela estaria metida num grande sarilho.

— Sim, comandante Über-Führer — murmurou Griffin, enquanto ela voltava a sair apressadamente, com o carrapito no seu cabelo louro ainda rígido. — Meu Deus, aquela mulher é incredivelmente má.

Mas Nina já não o ouvia. Em vez disso, estava a olhar, desesperada, para os milhares de volumes que a rodeavam, parecendo tão esperançosos com as suas belas capas e badanas otimistas. Condenar qualquer um deles a ir para o lixo era de partir o coração: eram livros! Para Nina, era como fechar

um abrigo para animais. E não era possível fazerem tudo nesse dia, pensasse Cathy Neeson o que pensasse.

E foi assim que, seis horas depois, quando o *Mini Metro* de Nina encostou em frente da porta principal da sua pequena casa partilhada, estava cheio de livros até ao teto.



— Oh, não — disse Surinder, aparecendo à porta e cruzando os braços por cima do seu peito impressionante. Tinha uma expressão severa no rosto. Nina conhecera a mãe dela, que era superintendente na polícia. Surinder herdara-lhe a expressão. Usava-a frequentemente com Nina. — Não vais trazê-los para cá. De maneira nenhuma.

— É que... quero dizer, estão em perfeito estado.

— Não é isso — disse Surinder. — E não olhes para mim assim, como se eu estivesse a recusar órfãos.

— Bem, de certa forma... — disse Nina, tentando não parecer demasiado suplicante.

— As vigas da casa não vão aguentar, Nina! Já to tinha dito.

Nina e Surinder partilhavam alegremente a pequena casa com terraço há quatro anos, desde que Nina chegara a Edgbaston via Chester. Não se conheciam antes e, por isso, estavam na posição invejável de poderem tornar-se companheiras de casa amigáveis, em vez de amigas que decidem partilhar uma casa e depois se zangam.

Nina vivia com alguma preocupação de que Surinder arranjasse um namorado a sério e se mudasse dali ou o levasse para ali, mas, apesar do grande número de pretendentes, isso ainda não acontecera, o que era vantajoso. Surinder faria notar que não era só a ela que isso poderia acontecer. Mas a timidez castradora de Nina e o seu hábito solitário de estar sempre a ler faziam com que ambas tivessem a forte convicção de que Surinder seria a primeira a ter sorte. Nina sempre fora a mais calada, deixando-se ficar à margem, observando as coisas por intermédio dos romances que adorava ler.

Além disso, pensava ela, depois de mais um serão incómodo a conversar com os amigos desastrados do último namorado de Surinder, ainda não conhecera ninguém que se comparasse aos heróis dos livros que adorava. Um Mr. Darcy, ou um Heathcliff, ou até, se para aí estivesse virada, um Christian Grey... os rapazes nervosos e de mãos suadas a quem nunca conseguia

lembrar-se de algo engraçado ou espirituoso para dizer não se lhes comparavam. Não andavam com largas passadas pelas charnecas de Yorkshire, morenos e furiosos. Não recusavam dançar com ela no Pump Room enquanto, secretamente, albergavam uma paixão profunda e assolapada por ela. Só se embebedavam nas festas de Natal, como Griffin, e tentavam enfiar-lhe a língua pela garganta abaixo enquanto se lamentavam, durante horas, de que as suas relações com as namoradas não eram, na verdade, assim tão sérias. Mas deixemos isto. Surinder parecia furiosa, e o pior era que tinha razão. Simplesmente não tinham mais espaço para livros. Havia livros por toda a parte. Havia livros no patamar, nas escadas, a encher completamente o quarto de Nina, cuidadosamente guardados na sala de estar, e até na casa de banho, para qualquer eventualidade. Nina gostava sempre de saber que tinha *As Mulherzinhas* por perto numa crise.

— Mas não posso deixá-los cá fora ao frio — implorou.

— Nina, é uma quantidade de MADEIRA MORTA! Alguma da qual cheira mal!

— Mas...

A expressão de Surinder não mudou ao olhar severamente para Nina.

— Nina, estou farta. Isto está a ficar completamente fora de controlo. Tens passado a semana toda a empacotar a biblioteca. As coisas só vão piorar cada vez mais.

Avançou e agarrou num enorme romance que Nina adorava, tirando-o do cimo da pilha.

— Olha para isto! Já o tens.

— Sim, eu sei, mas esta é a primeira edição, de capa dura. Olha! É lindo! Nunca foi lido!

— E continuará a não o ser, porque a tua pilha de livros para ler é mais alta do que eu!

As duas raparigas estavam agora de pé na rua, pois Surinder, de tão zangada, precipitara-se para fora da porta.

— Não! — disse Surinder, elevando a voz. — Não. Desta vez, vou pôr os pés à parede.

Nina sentiu-se começar a tremer. Percebeu que estavam prestes a ter uma discussão, e não suportava confrontos ou qualquer tipo de altercação. Surinder sabia disso.

— Por favor — implorou.

Surinder atirou as mãos ao ar.

— Meu Deus, é como dar um pontapé num cãozinho. Não estás a saber

lidar com esta mudança de emprego, pois não? Não estás a lidar com ela de maneira nenhuma. Limitas-te a rebolar e a fingir-te de morta.

— Além disso — sussurrou Nina, olhando para o chão enquanto a porta se fechava por trás delas —, esta manhã esqueci-me das chaves. Acho que estamos fechadas cá fora.



Surinder deitara-lhe um olhar furioso e depois, graças a Deus, a expressão de comissário da polícia dera lugar a uma explosão de gargalhadas. Tinham ido até à esquina da sua rua, entrado num pequeno *snack-bar* agradável que normalmente estava a abarrotar, mas nessa noite não tinha muita gente, e encontrado um canto acolhedor.

Surinder comprara uma garrafa de vinho, para a qual Nina olhava com desconfiança. Habitualmente aquilo era mau sinal, o início de uma conversa sobre «o que se passa com a Nina» que, em geral, começava depois do segundo copo.

Afinal era bom, não era? Adorar livros e adorar o emprego e viver a vida assim? Agradável e reconfortante. Rotina. Ou assim tinha sido.

— Não — disse Surinder, pousando o seu segundo copo com um suspiro.

Nina arvorou uma expressão de ouvinte sofredora. Surinder trabalhava num escritório de importação de joalheria, tratando da contabilidade e dos vendedores de diamantes. Era ótima no que fazia. Todos tinham medo dela. Tanto as suas capacidades administrativas como as de absentismo eram lendárias.

— Ainda não chega, pois não, Neens?

Nina concentrou-se no copo, desejando que a atenção da colega se focasse noutro lado.

— O que disse o funcionário da reestruturação?

— Ele disse... que já não restavam muitos empregos em bibliotecas, depois dos cortes. Vão pôr lá voluntários.

Surinder deu uma fungadela.

— Aquelas velhotas encantadoras?

Nina assentiu.

— Mas elas não sabem dar os livros certos às pessoas! Não sabem o que uma criança de 9 anos tem de ler a seguir ao *Harry Potter*.

— *The Knife of Never Letting Go* — disse Nina, automaticamente.

— É precisamente a isso que me refiro! A essa experiência! Elas sabem

trabalhar com o sistema de catalogação? Sabem arquivar? Sabem fazer tarefas administrativas?

Nina abanou a cabeça.

— Na verdade, não.

— Então para onde te vão mandar?

Nina encolheu os ombros.

— Pode haver cargos de facilitação no novo núcleo de meios de comunicação, mas eu teria de fazer um curso de construção de equipas e voltar a candidatar-me.

— Um curso de construção de equipas?

— Sim.

— *Tu?* — Surinder riu-se. — Inscreveste-te?

Nina abanou a cabeça.

— O Griffin inscreveu-se.

— Bem, tens de o fazer.

Nina soltou um suspiro.

— Parece que sim.

— Estás a perder o emprego, Nina! Estás a perdê-lo! Andar de um lado para o outro a ler Georgete Heyer durante toda a tarde não vai mudar isso, pois não?

Nina abanou a cabeça.

— Ganha juízo!

— Se ganhar juízo, posso levar os livros para casa?

— Não!

CAPÍTULO 2

Nina chegou nervosa ao curso de construção de equipas. Não sabia bem o que esperar. Além disso, ainda tinha um carro cheio de livros. Griffin estava lá, com uma perna descontraidamente pousada sobre o outro joelho, como se quisesse dar a impressão de ser a pessoa mais despreocupada de sempre. Não resultava muito bem. O seu rabo de cavalo caía-lhe, murcho, pelas costas da *t-shirt* levemente acinzentada, e tinha os óculos sujos.

— Aprendizes de idiotas — sussurrou ele a Nina, para a fazer sentir-se melhor. Não resultou; ela sentiu-se pior, e pôs-se a remexer na sua camisa floral. Lá fora, a primavera oscilava como um pequeno barco, tão depressa molhada como soalheira.

Surinder tinha razão: não havia dúvida de que estava na altura de encontrar um rumo.

Mas, por vezes, sentia que o mundo não fora construído para pessoas como ela. As pessoas confiantes e de personalidade forte como Surinder não compreendiam. Quem não fosse extrovertido, quem não estivesse sempre a expor-se, a publicar *selfies* em todo o lado, a exigir atenção, a falar constantemente, era simplesmente ignorado pelos outros. Passava despercebido. E, normalmente, ela não se importava.

Mas, agora, Nina percebia que estava em risco de não reparar em si própria. Por muitos livros que tentasse salvar, o que quer que tentasse fazer,

aquela filial da biblioteca ia fechar. Ia perder o emprego, e não era apenas questão de arranjar outro. Havia bibliotecários desempregados por toda a parte. Para cada vaga havia 30 candidatos. Era como ser reparador de máquinas de escrever, ou fabricante de aparelhos de fax. Aos 29 anos sentia-se estranhamente excedentária em relação às necessidades da vida.

Um homem jovem saltou para o pequeno estrado na frente da sala das traseiras da biblioteca, onde todos eles se tinham juntado com os grupos das outras duas bibliotecas que também iam fechar na região. Ao encontrarem-se, houvera muitos murmúrios e queixas, acerca do raio do governo e de como tudo era horrível, e de como era possível eles não saberem — seria possível que não *soubessem*? — o que as bibliotecas faziam pelas comunidades?

Nina achava que eles sabiam: simplesmente não se importavam.

— Olá! — disse o jovem, que envergava umas *jeans* e uma camisa cor-de-rosa de colarinho aberto.

— Gostava de saber quanto ganha ele para fazer isto — sussurrou Griffin.
— Aposto que é mais do que nós.

Nina pestanejou. Nunca estivera ali pelo dinheiro.

— Olá a todos! — disse o jovem, que tinha uma daquelas vozes que se elevavam no fim das frases, fazendo com que tudo parecesse uma pergunta.
— Então, sei que esta não é a situação ideal?

— Acha que não? — fungou Griffin.

— Mas tenho a certeza de que, no fim do dia, já todos nos vamos dar bem... vamos criar laços e adquirir confiança, não é?

Griffin fungou outra vez. Mas Nina inclinou-se um pouco para a frente. Adquirir confiança? Mal não podia fazer.



Já passara uma hora desde o início da manhã. Estavam a exercitar «jogos de confiança» para recuperar a segurança nisto ou naquilo, embora tivessem todos de vir a competir pelos poucos empregos que restavam. Nina andara pela sala de olhos vendados, guiada apenas pelas vozes dos outros. E agora estava de pé em cima de uma mesa, novamente de olhos fechados, à espera de cair para trás. Sentia-se nervosa e irritada ao mesmo tempo. Aquilo não era para ela, os gritos, o espetáculo.

Mesmo assim, Mungo, o homem jovem, era encorajador.

— Não pensem que não há nada que possam fazer! — gritara. — Está bem?

Griffin suspirara. Porém, Nina olhara para ele. Poderia, afinal, haver algum interesse naquilo?

— Não há nada que não possam fazer, se se esforçarem.

— Oh, que bom, acho que vou inscrever-me na equipa de mergulho dos Jogos Olímpicos — comentara Griffin.

O sorriso de Mungo não se esbatera nem por um momento. Depois, levantara um pouco a bainha das calças e todos na sala tinham sustido a respiração. Por baixo das calças espreitava uma perna de plástico macio.

— Eu não desistiria — disse ele. — Vá lá. O que querem mesmo fazer?

— Gerir um departamento da Mediatech — disse Griffin, rapidamente. Nina sabia que ele estava convencido de que Mungo era um espião empresarial.

Mungo limitou-se a assentir com a cabeça.

— Vamos percorrer a sala — disse ele. — Sejam francos. Não há espões aqui.

Nina voltou a encolher-se na cadeira. Não suportava falar em público.

Um homem de aspeto rude que ela não conhecia falou, do fundo da sala.

— Eu sempre quis trabalhar com animais — disse ele. — Na natureza. Localizá-los, registá-los, sabe ao que me refiro?

— Isso parece fantástico — disse Mungo, e parecia sincero. — Ótimo! Venha cá para a frente!

Nina estremeceu por dentro quando todos se juntaram à volta da mesa, e o homem se pôs de pé em cima dela e se deixou cair para trás, deixando que o grupo o apanhasse.

— Eu sempre quis fazer maquilhagem para cinema — disse uma jovem rececionista dos serviços centrais. — Maquilhar as grandes estrelas, e isso.

Mungo assentiu com a cabeça e ela avançou e também caiu. Nina mal conseguia acreditar na naturalidade com que toda a gente aceitara aquele jogo.

— Eu só quero trabalhar com livros — disse Rita. — Foi o que sempre quis fazer.

Mais ideias vieram de vários pontos da sala, com muitos acenos de cabeça de todos e ocasionais salvas de palmas. No entanto, não obrigaram a Rita a cair para trás, por causa das suas ancas. Até Griffin modificou a sua primeira resposta, murmurando que, na verdade, gostaria muito de ser um artista de banda desenhada. Nina não falou. Estava a pensar furiosamente. Finalmente, viu que Mungo estava a olhar para ela.

— Sim?

— Vá lá. É a última. Tem de dizer o que quer fazer. E seja franca.

Com muita relutância, Nina aproximou-se da mesa.

— Ainda não pensei bem no assunto.

— Claro que pensou — disse Mungo. — Toda a gente pensou.

— Bem, parece um disparate. Especialmente na conjuntura atual.

— Aqui, nada parece um disparate — afirmou ele. — Já todos caímos de costas de cima de mesas.

Nina subiu para a mesa. O resto do grupo olhou-a com expectativa. Ficou com a garganta seca e o cérebro esvaziou-se-lhe.

— Bem — disse ela, sentindo-se corar terrivelmente. Engoliu em seco. — Bem... quero dizer. Bem. Eu sempre... sempre sonhei, um dia, ter a minha própria livraria. Uma livraria muito pequena.

Fez-se silêncio. E, depois, por toda a sala, irromperam exclamações de «Eu também!», «Oh, sim!» e «Isso parece FANTÁSTICO.»

— Feche os olhos — disse Mungo, suavemente.

E, assim, ela deixou-se cair para trás, de olhos bem fechados, e aterrou nos braços que a esperavam, que a seguraram e a devolveram cuidadosamente ao chão.

E, quando voltou a abrir os olhos, ficou a pensar...



— Uma LOJA? — Griffin, claro, troçou da ideia. — Uma LIVRARIA? Estás DOIDA?

Nina encolheu os ombros.

— Não sei — disse ela. — Podia vender lá os teus livros de banda desenhada.

Ainda se sentia estranhamente inspirada. Mungo chamara-a à parte no intervalo e tinham trocado ideias. Ela expressara a sua incapacidade de lidar com as despesas gerais, os *stocks*, o pessoal e todos os enormes e paralisantes compromissos que resultariam de gerir uma loja e dos quais não se sentia à altura. Ele assentira com simpatia. Por fim, ela confessara que tinha livros para uma livraria inteira no carro, e ele rira-se e segurara-lhe na mão.

— Sabe — dissera —, existem versões móveis deste tipo de coisa.

— O que quer dizer?

— Bem, em vez de uma loja com custos de manutenção e tudo isso, podia fazer uma coisa diferente.

Mostrara-lhe uma fotografia num *website* de uma mulher que geria uma livraria numa barca. Nina já a vira antes e suspirara de inveja.

— Não tem de ser uma barca — dissera ele. Mungo abrira mais alguns *sites* no seu computador. — Conheci uma mulher na Cornualha que geria uma padaria numa furgoneta.

— Uma padaria inteira?

— Uma padaria inteira. As pessoas vinham de quilómetros em redor.

Nina pestanejara.

— Uma furgoneta?

— Porque não? Sabe guiar?

— Sei.

— Podia fazê-lo facilmente, não acha?

Nina não lhe dissera que levava um tempo infinito a aprender a fazer marcha-atrás em torno de esquinas. O entusiasmo saltitante de Mungo era tão envolvente que se tornava mais fácil concordar, simplesmente, com ele.



Mostrou a Griffin um anúncio de jornal que encontrara durante o intervalo, com a ajuda de um animado Mungo.

— Olha para isto.

— O que é isso?

— É uma furgoneta.

— Uma velha e malcheirosa furgoneta de comida?

— Uma velha e malcheirosa furgoneta de comida — concordou Nina, com relutância. — OK, essa não deve resultar. Mas olha para esta.

— Julgas que as furgonetas são a resposta para tudo — resmungou Griffin. — Devem ter bichos.

— Acabei de dizer que não queria furgonetas de comida! — a voz vagamente irritada de Nina fez Griffin levantar os olhos da sua cerveja, surpreendido, como se um rato tivesse rugido. — Sê sensato. Olha para isto.

— É uma furgoneta — disse Griffin, com um sarcasmo exagerado. — Não sei o que queres que te diga acerca disso.

— Quero que me digas, uau!, Nina, isso é fantástico, imagina-te a tomares as rédeas da tua vida e a planeares uma coisa destas.

— Ficaste com um fraquinho por aquele Mungo?

— Não, Griffin, ele é um miúdo. Mas gosto da atitude dele.

— Não percebo — disse Griffin. — Uma furgoneta? Pensei que tinhas dito que querias gerir uma livraria.

— E quero! — afirmou Nina. — Mas não tenho dinheiro para as instalações, pois não?

— Não — disse Griffin. — Seria muito arriscado para um banco emprestar-te dinheiro. Não sabes nada sobre gestão de lojas.

— Pois não — disse Nina. — Mas sei muito sobre livros, não sei?

Griffin olhou-a.

— Sim — admitiu, a contragosto. — És muito boa com livros.

— E vou receber uma indemnização da biblioteca — disse Nina. — E podia vender o *Mini Metro*. Quero dizer, podia... arranjar dinheiro para uma furgoneta... mesmo à justa. E tenho todo o *stock* da biblioteca. E a minha vida. E, na verdade, posso estar em qualquer lado. Quero dizer, podia começar com isto, atingir este objetivo e ver o que se seguiria.

— Realmente, tens livros a mais — disse Griffin. — E nunca pensei dizer isto de alguém.

— Bem — disse Nina —, se eu tenho o *stock*... e se tiver uma furgoneta...

— O quê?

— Quero dizer, não vejo o que me impede de andar por aí a vender livros.

Agora sentia-se genuinamente entusiasmada, com algo a zumbir-lhe no peito. Porque não ela? Porque havia toda a gente de poder ter sonhos, e ela não?

— O quê, em Edgbaston?

— Não — disse Nina. — Teria de ser num lugar sem restrições de estacionamento.

— Acho que isso quer dizer em lado nenhum.

— Num lugar onde não se importem. Num lugar em que eu possa, simplesmente, vender livros.

— Não me parece que isso funcione dessa maneira.

— Bem, como um mercado de agricultores, onde eles aparecem uma vez por semana para vender coisas.

— Então vais trabalhar um dia por semana e passar o resto do tempo a tratar das tuas colheitas de livros?

— Para de ser desmancha-prazeres.

— Não é isso, estou só a ser realista. Que tipo de amigo seria eu se ficasse aqui sentado a dizer, sim, Nina, larga tudo na vida mesmo antes de seres se

tens emprego ou não, deita tudo fora por um castelo no ar quando tens quase 30 anos?

— Hum — disse Nina, sentindo-se esmorecer.

— Ou seja — continuou Griffin —, não podes dizer que tenhas feito para assumir grandes riscos. Nunca chegaste atrasada da hora de almoço nos anos em que trabalhámos juntos; nunca fizeste uma sugestão à empresa, nem te queixaste de nada, nem te deixaste ficar lá fora a tomar mais um café durante um alarme de incêndio... nada. És a Empregada Perfeita. A Bibliotecária Exemplar... e agora vais comprar uma furgoneta e vender livros por aí? E fazer disso um emprego?

— Parece-te uma loucura? — perguntou Nina.

— Sim, parece — concordou Griffin.

— Hum — disse Nina. — E o que vais *tu* fazer? Vais candidatar-te a lojas de banda desenhada, a cargos de ilustrador e coisas dessas?

Por um momento, Griffin pareceu embaraçado.

— Oh — respondeu. — Meu Deus, não, nada disso. Não. Provavelmente, vou candidatar-me a um dos novos empregos. Percebes? Pela segurança? Como facilitador de conhecimentos.

Nina assentiu, tristemente.

— Pois, eu também.

— Nunca o aceitei em vez de ti — disse Griffin.

— Não sejas tolo, claro que aceitarás — disse Nina, baixando novamente os olhos para o papel e sentindo um calor estranho percorrê-la. Concentrou-se no anúncio. — Provavelmente esta furgoneta está a quilómetros de distância.

Griffin espreitou por cima dela para olhar para o anúncio, e depois riu-se às gargalhadas.

— Nina, não podes comprar essa furgoneta!

— Porque não? É esta que eu quero!

Corrigiu a sua última frase.

— Era esta que eu queria.

A furgoneta era branca, quadrada, antiquada, com faróis enormes. Tinha uma porta deslizante para trás de um dos lados, com um pequeno conjunto de degraus retráteis. Tinha um aspeto *rétro* e encantador, e o melhor de tudo era que, lá dentro, havia imenso espaço para prateleiras, um resquício da carinha de vender pão que fora antes. Era linda.

— Bem, boa sorte — disse Griffin, apontando para as letras pequenas. — Olha! Está na Escócia.

CAPÍTULO 3

Cathy Neeson chamou toda a gente individualmente para avaliar o «desenvolvimento de competências fulcrais». Não era uma entrevistada. Claro que não. Era, na verdade, tortura a sangue-frio, mas claro que ninguém podia dizer isso. Nina estava a tremer de nervos quando entrou na sala.

Cathy levantou os olhos como se não a reconhecesse (e não reconhecia mesmo, porque tinha um filho com tosse convulsa que só tinha conseguido acalmar às 3 da manhã), o que não deu grande confiança a Nina. Olhou rapidamente para as suas anotações.

— Ah, Nina — disse. — É bom vê-la.

Olhou novamente para os seus papéis e franziu ligeiramente o sobrolho.

— Então, gostou de trabalhar na biblioteca, não foi?

Nina assentiu com a cabeça.

— Sim, muito.

— Mas deve estar entusiasmada com a nossa nova direção, não é?

— Achei o curso de construção de equipas muito útil — disse Nina. Na verdade, desde então mal pensava noutra coisa. Imaginava o aspeto que teria a furgoneta, estacionada, convidativa e resplandecente, e o que poria lá dentro, e como precisaria de uma coleção grande para poder ter disponíveis os temas de que as pessoas gostariam, e onde poderia ir buscar outros livros em segunda mão quando a biblioteca estivesse totalmente esvaziada, e...

Apercebeu-se de que se alheara e de que Cathy Neeson a olhava intensamente.

(Cathy Neeson detestava tanto esta parte do seu trabalho que gostaria de a saltar. A ideia era dissuadir gentilmente candidatos não adequados de apresentarem candidaturas, o que permitiria, por vezes, dispensar o processo de entrevista. Mas a verdade era que Cathy não tinha a certeza de que os miúdos barulhentos com estilo de aprendizes que, naquela altura, pareciam conseguir todos os empregos fossem aquilo de que realmente precisavam. Boas maneiras e bom senso dariam, certamente, mais resultado. Mas era difícil convencer disso os decisores, que gostavam de declarações de missão vistosas e de observações ruidosas e confiantes.)

— Então, ainda está a pensar candidatar-se?

— Porquê? — perguntou Nina, com um olhar de pânico a perpassar-lhe o rosto. — Não devia?

Cathy Neeson suspirou.

— Pense em como o conjunto das suas aptidões essenciais se enquadraria aqui — disse, com suavidade. — E... boa sorte.

«O que raio quer isto dizer?», pensou Nina, levantando-se atabalhoadamente para sair.



Embora devesse estar a preparar-se para a entrevista, Nina estava ainda obcecada pelos classificados para furgonetas, mas não conseguia encontrar nada que se aproximasse sequer vagamente da que vira primeiro. Sentia que devia ser aquela, com o seu narizinho engraçado e o teto curvo. Não havia nada a fazer. Teria de ir à Escócia.

Griffin apareceu por trás dela, olhando-a de soslaio.

— Não podes estar a falar a sério — disse ele.

— Só quero dar uma olhadela — protestou ela. — É só uma ideia.

— O tempo para ter ideias está a acabar — disse Griffin. — Ah, posso perguntar-te uma coisa?

— O que é? — perguntou Nina, subitamente cautelosa.

— Podes rever esta candidatura por mim? — ele parecia envergonhado.

— Griffin, sabes que estou a candidatar-me ao mesmo emprego!

— Hum-hum. Mas és muito melhor nisto do que eu.

— Bem, porque não havia eu de te dar as dicas todas erradas, para te fazer entregar uma candidatura péssima?

— Porque és demasiado boazinha para fazeres isso.

— Talvez tenha andado a instilar-te uma falsa sensação de segurança.

— Durante quatro anos?

— Talvez!

— Ná — disse Griffin, com um olhar complacente que fez Nina ter vontade de lhe despejar o café em cima. — És demasiado doce. Doce demais para não me ajudares, e doce demais para guiares um camião.

— Achas? — perguntou Nina.

— Acho.

Ele entregou-lhe os formulários.

— Podes, ao menos, dar-lhe uma vista de olhos? E dizer-me alguma coisa? Vá lá, de qualquer maneira vão entrevistar-nos aos dois. Bem podias ajudar o teu colega iletrado.

Nina olhou para ele. Sabia que a sua sessão com Cathy não tinha corrido bem. Ajudar Griffin era quase autossabotar-se. Por outro lado, ele precisava de ajuda...

Com um suspiro, pegou na candidatura e mergulhou profundamente em parágrafos impenetráveis acerca de multimédia, seguir em frente e conteúdos de *crowdsourcing*. Quanto mais lia mais deprimida se sentia. Seria aquilo o que o mundo queria agora? Porque, se era, não sabia se o tinha. Tentou ajudar Griffin com algumas das suas estruturas frásicas mais incompreensíveis, mas não podia deixar de comparar todo aquele palavreado sobre paradigmas, e proatividade, e alvos sustentáveis, com a sua própria candidatura, que tinha parágrafos curtos e bem escritos descrevendo as bibliotecas como o centro das comunidades e a leitura como uma forma de ajudar as crianças a desenvolverem o seu potencial. Via bem que, ali, havia ambições mais grandiosas.

Suspirou e olhou novamente para o anúncio.

A furgoneta era comprida, parecida com uma carrinha de gelados, com uma frente antiquada. As imagens do seu interior mostravam-na completamente vazia, com espaço suficiente — ela chegara mesmo a desenhar um modelo em papel — para várias estantes altas de cada lado, além de uma pequena zona de estar a um canto onde poderia pôr um sofá, e talvez os livros para crianças... alguns pufes... deu por si a olhar sonhadamente, pela janela aberta, para a noite barulhenta de Birmingham.

Lá fora, dois homens tinham uma discussão acalorada acerca de como alguém os enganara com um carro; um grupo de adolescentes ria alto enquanto desciam a rua; por qualquer razão, havia quatro autocarros a buzinar

no cruzamento; e ouvia-se o infindável rugido do trânsito no viaduto ali perto. Mas Nina não ouvia nada disto.

Conseguia vê-la perfeitamente. Conseguia mesmo. Conseguia imaginá-la toda. Alguma gasolina, o seu *stock* — muitos dos livros que recolhera estavam totalmente novos, em perfeitas condições. E com todas as bibliotecas a fechar... poderia ela tirar algo bom de uma situação tão terrível?

Olhou de novo para a morada. Kirrinfief. Consultou formas de chegar lá. As rápidas não eram baratas, e as baratas...

Tinha semanas de férias em atraso que nunca tirara. Se não conseguisse uma nova colocação ia perdê-las de qualquer forma, não era? Mais valia tirar partido dos últimos dias livres pelos quais seria paga.

Quando deu por si já acabara o grandioso formulário de candidatura de Griffin — e reservara um bilhete de autocarro para si.